

**Estruturas narrativas, oralidade e simbolização:
Potências cognitivo-filosóficas do storytelling**

**Narrative structures, orality, and symbolization:
The cognitive-philosophical potential of storytelling**

**Estructuras narrativas, oralidad y simbolización:
El potencial cognitivo-filosófico de la narración de historias**

Ivan Pereira Quintana / Camila Dalcin

Universidade Federal de Pelotas (ivanquintana274@gmail.com/camilasoccal@gmail.com)

CONTEXTUALIZAÇÃO

A constituição da narrativa como dispositivo cognitivo e formativo tem sido reexaminada por diferentes campos teóricos, desde estudos da comunicação até reflexões críticas sobre oralidade e epistemologias contra-hegemônicas. Carmine Gallo, ao tratar da centralidade da narrativa em processos de comunicação de alta complexidade, argumenta que histórias bem estruturadas mobilizam códigos cognitivos elementares, pois o cérebro humano responde de forma mais intensa a enredos do que a informações abstratas (Gallo, 2019, p. 27). Em outra direção, Brito (2021) destaca que o conto tradicional opera como matriz simbólica capaz de organizar a experiência humana, constituindo uma forma de conhecimento que articula imaginação, linguagem e processo formativo (Brito, 2021, p. 3). Tais caracterizações convergem com a concepção de oralidade como estrutura relacional apresentada por Guedes, que compreende a oralidade como princípio organizador de racionalidade, interação e memória social (Guedes, 2013, p. 17), ainda que situada originalmente no campo jurídico. Ademais, a crítica contracolonial de Nêgo Bispo evidencia que toda narrativa é também inscrição territorial e cosmopolítica, marcada por relações de poder entre tradições dominantes e dominadas (Borges; Guedelha, 2023, p. 280). Nesse quadro, pensar o *storytelling* como ferramenta para o ensino de filosofia não implica apenas adotar técnicas narrativas, mas situar a narrativa como lugar epistemológico e disputado, no qual significações de mundo, formas de pensar e modos de existir são produzidos e tensionados. Assim, a integração entre



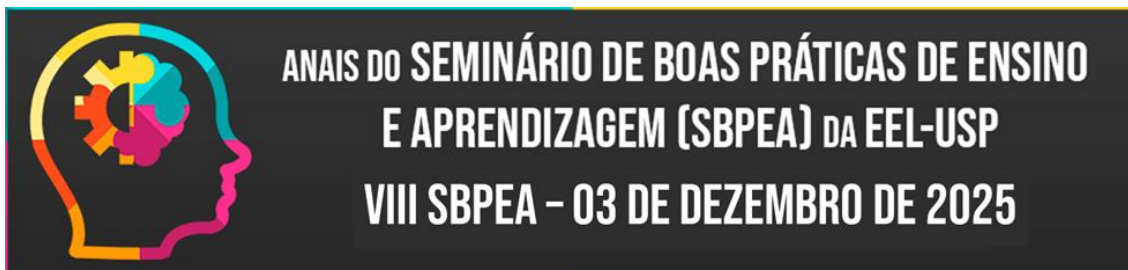
storytelling, oralidade e filosofia constitui campo profícuo para investigações que pretendem compreender como narrativas estruturam modos de apreender o conceito, ao mesmo tempo em que podem operar criticamente contra formas hegemônicas de produção de sentido.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é analisar as potências pedagógicas do *storytelling* – entendido aqui como articulação entre técnicas narrativas estruturadas (Gallo, 2019), contos tradicionais e práticas de contação de histórias (Brito, 2021) e fundamentos da oralidade como dispositivo racional-formativo (Guedes, 2013) – para a introdução de conceitos filosóficos no contexto educativo, examinando simultaneamente as tensões críticas que emergem quando se consideram narrativas situadas, cosmologias não hegemônicas e práticas de resistência epistêmica formuladas por Nêgo Bispo (Borges; Guedelha, 2023). Busca-se demonstrar como a narrativa, longe de ser mero recurso ilustrativo, pode constituir um operador conceitual, desde que compreendida em sua densidade simbólica, cognitiva e política.

MÉTODO

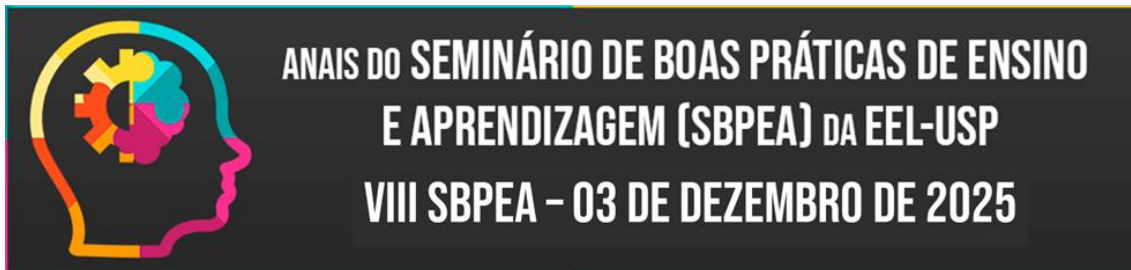
Adotou-se um método qualitativo de caráter hermenêutico-analítico, estruturado em três momentos interdependentes: (1) exame dos dispositivos narrativos apresentados por Gallo, com atenção às dinâmicas de empatia, estrutura e engajamento cognitivo (Gallo, 2019, p. 15–40); (2) análise dos princípios formativos da contação de histórias, especialmente no que concerne à função simbólica dos contos e à constituição de um repertório narrativo estruturante (Brito, 2021, p. 3–7); (3) interpretação da oralidade como princípio de racionalidade comunicativa, conforme o enquadramento jurídico-estrutural de Guedes (2013, p. 17–25), articulando tal concepção com o pensamento contracolonial de Nêgo Bispo, cujo enfoque na tensão entre tradição dominante e dominada e na noção de territorialidade narrativa permite situar ontologicamente as práticas narrativas (Borges; Guedelha, 2023, p. 280). A análise resulta da convergência entre essas camadas textuais,



sendo explicitamente identificadas as interpretações derivadas, de modo a não atribuir aos autores proposições não presentes em seus textos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que a potência pedagógica do *storytelling* para o ensino de filosofia emerge de três dimensões interconectadas. A primeira refere-se ao impacto cognitivo da narrativa: como indica Gallo (2019), a história opera como matriz que organiza a informação em sequências de causa e efeito, produzindo envolvimento emocional e cognitivo que favorece a compreensão de ideias complexas (Gallo, 2019, p. 27). Brito (2021) complementa essa análise ao mostrar que o conto tradicional constitui um “organizador simbólico da experiência”, permitindo que o sujeito elabore tensões, conflitos e dilemas éticos por meio da mediação narrativa (Brito, 2021, p. 5), o que se aproxima da operação filosófica de problematizar conceitos e examinar fundamentos. A segunda dimensão relaciona-se à oralidade. Embora Guedes trate a oralidade no contexto jurídico, sua formulação de que a oralidade é princípio estruturante de interação, memória e construção de sentido (Guedes, 2013, p. 17) permite, mediante interpretação, reconhecer que a narrativa oral produz condições epistêmicas específicas, nas quais o conceito não se apresenta como abstração isolada, mas como gesto comunicativo situado. A terceira dimensão, decorrente do pensamento de Nêgo Bispo, insere a narrativa em um campo político mais amplo: para o autor, toda narrativa está imersa em relações de poder entre cosmologias e tradições, e os modos como se produzem sentidos estão atravessados por territorialidades e disputas epistêmicas (Borges; Guedelha, 2023, p. 280). Assim, a utilização pedagógica do *storytelling* não pode ser reduzida a técnica neutra, pois envolve o risco de reproduzir narrativas hegemônicas, caso não se reconheça o caráter situado e disputado da produção narrativa. Integrando essas dimensões, os resultados sugerem que o *storytelling* pode atuar como mediador conceitual no ensino de filosofia apenas quando articulado simultaneamente: (a) à estrutura narrativa cognitiva; (b) à densidade simbólica e formativa dos contos; (c) à compreensão da oralidade como dispositivo epistêmico; (d) e à crítica das hierarquias de produção narrativa. Nesse sentido, a narrativa torna-se campo de problematização filosófica e não apenas instrumento pedagógico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permite concluir que o *storytelling*, quando abordado de forma teórica e criticamente qualificada, possui potencial significativo para introduzir conceitos filosóficos, ao operar como dispositivo que integra cognição, simbolização, comunicação e territorialidade epistêmica. No entanto, esse potencial depende de uma compreensão ampliada da narrativa, que considere simultaneamente sua dimensão estrutural (Gallo, 2019), simbólica (Brito, 2021), comunicativo-racional (Guedes, 2013) e cosmopolítica (Borges; Guedelha, 2023). A filosofia, ao adotar narrativas como forma de mediação conceitual, não abdica da rigorosidade argumentativa, mas amplia seus modos de problematização, reconhecendo na narrativa uma forma legítima de organizar a experiência e elaborar questões fundamentais. Por outro lado, as contribuições de Nêgo Bispo alertam para o risco de uma apropriação despolitizada da narrativa, que poderia reforçar epistemologias hegemônicas se não forem reconhecidos os conflitos, as assimetrias e as tradições de saber que atravessam o ato narrativo. Assim, a utilização pedagógica do *storytelling* na filosofia deve ser orientada por uma perspectiva crítica, que integre o rigor conceitual da disciplina com a potência simbólica da narrativa e com a responsabilidade ética de reconhecer a diversidade epistêmica e cosmopolítica implicada nos modos de narrar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Filosofia; Oralidade e Storytelling.

REFERÊNCIAS

- BORGES, P. V.; GUEDELHA, C. A. M. Começo – meio – começo: a circularidade literária e afrodiaspórica de Nêgo Bispo. **Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 278–295, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/52235. Acesso em: 16 nov. 2025.
- BRITO, N. M. B. **Contação de história: criação de narrativas e oralidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2021. 77 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33593>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- GALLO, C. **Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.
- GUEDES, J. C. **O princípio da oralidade**. São Paulo: RT, 2013.